

CARVALHO JÚNIOR: ÓDIO ÀS “BELEZAS DE MISSAL”

Letícia Malard
Universidade Federal de Minas Gerais

Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou.
(Machado de Assis, A nova geração.)

Resumo: Análise de como e porquê, no ensaio “A nova geração” (1878), Machado de Assis apresenta uma crítica contundente à poesia de Carvalho Júnior, especialmente a seus elementos sensuais realistas, aos quais o crítico parece opor-se, não devido propriamente ao realismo literário, mas a uma pauta temática vinculada a costumes.

Palavras-chave: Antirromantismo. Carvalho Júnior. Poesia brasileira.

1. O autor e suas publicações

Francisco Antônio de Carvalho Júnior (Rio de Janeiro – 1855-1879) foi bacharel em Direito (1877), promotor em Angra dos Reis-RJ (1878), juiz municipal e republicano. Identificamos textos seus sob o pseudônimo de *Stenio*. No ano de sua morte, o amigo Arthur Barreiros prefaciou e publicou um volume com suas obras, mediante subscrição de 65 pessoas. Tal volume aparece citado e/ou referenciado de três formas: a) Escritos póstumos: Parisina. Teatro. – Versos. Folhetins. – Crítica literária. Escritos políticos; b) Parisina: Teatro. – Versos. Folhetins. – Crítica literária. Escritos políticos; c) de ambas as formas, como se fossem dois livros. Observe-se que, às vezes, os pontos e travessões do título na folha de rosto são substituídos por vírgula.

Como se trata de título da obra completa do escritor, e com idêntico conteúdo, julgamos importante fazer uma rápida pesquisa sobre a questão, uma vez que tivemos

acesso a apenas um exemplar, e pela internet. Este está encadernado em couro marrom, sem a capa. Há uma folha de anterosto, que vem reproduzida na **Fig. 1**, ao final deste texto. Em sequência a ela, há uma folha em branco e uma folha com a efígie do autor. Na folha seguinte é que vêm os títulos (ou subtítulos) mencionados e demais informações editoriais, ou seja, a folha de rosto propriamente dita: *Parisina...* [etc]. Acredito que, em se tratando de um livro do século XIX, editado por uma tipografia do Rio de Janeiro, não se pode ignorar a existência dessa folha de anterosto, pois, ao que se sabe, ela não aparece em todos os exemplares disponíveis da obra nem no microfilme utilizado pelos organizadores das novas edições de “Hespérides”. Assim, vamos deixar por conta do leitor concluir sobre o título correto da obra:

Na Biblioteca Nacional, seu único exemplar está catalogado como *Parisina* (e subtítulos), com a observação, na ficha, de que o registro não foi revisado. Possivelmente esse exemplar não tem a folha de anterosto, pois o registro, bastante detalhado, não a menciona. Ver: <http://bit.ly/2mopw6R>

A *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Coutinho e Sousa, registra-a como se fossem duas obras ou, talvez, a mesma obra que aparece com dois títulos diferentes: “BIBL.: *Parisina*. 1879 (drama, poes., crít. póstumo – pref. de Artur Barreiros); *Escritos póstumos*. 1879 – *Parisina* (drama), *Hesperides* (poes.); Folhetins, Crítica, Vários (escritos políticos e confer.); colab. periód.” (v. I, p. 451).

O *Dicionário literário brasileiro*: ilustrado, de Menezes, registra: “*Parisina* (em vida do poeta, tinha o título de *Escritos Póstumos*; essa obra foi publicada por Artur Barreiros), 1879.” (v 2, p. 330). O comentário não esclarece se *Parisina* é uma nova edição ou reimpressão de *Escritos póstumos*, ou, ainda, originais preparados para publicação. De qualquer forma, Menezes não iria inventar que o livro tinha o título de *Escritos póstumos* quando o poeta vivia.

O *Panorama da poesia brasileira*, v.3, Parnasianismo, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, afirma: “Carvalho Júnior deixou um volume de *Escritos Póstumos* [em itálico], publicado sob o título de *Parisina*, por Artur Barreiros em 1879.” (p. 18). Ramos não dá outros esclarecimentos.

A *História da literatura brasileira*, de Massaud Moisés, declara que os textos do escritor foram “enfeixados, após sua morte, sob o título de *Escritos*

Póstumos/Parisina.” (v. 2, p. 468). Como se vê, o historiador optou por um título inexistente, mas abrangendo os dois casos.

O portal “literaturabrasileira.ufsc” registra “*Escritos póstumos de Francisco Antônio de Carvalho Junior*”, e dá como fontes Coutinho e Sousa, bem como Sacramento Blake. (<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=157160>).

Na *Enciclopédia Itaocultural* há erro e faltam palavras: “Seu único livro de poesia, *Parisina*, em 1879, após sua morte.” (<http://enciclopedia.itaocultural.org.br/pessoa21753/carvalho-junior>).

Do exposto, é possível especular que:

1. Com o escritor ainda em vida, houve uma editoração do livro, com o título geral de *Escritos póstumos*, talvez com poucos exemplares, distribuída e logo esgotada, ou, então, ao menos um boneco, quer dizer, uma prova impressa do livro que não chegou a ser editado. Assim, aqueles que citam ou referenciam a obra incluindo “*Escritos póstumos*” em seu título, tiveram acesso a essa versão, como foi o nosso caso. Aqueles que não incluem esse título nas citações e referências tiveram acesso à outra versão.
2. Depois da morte do escritor, houve uma edição ou reimpressão do livro, sem o título geral *Escritos póstumos*, mas o de *Parisina* (e subtítulos), custeada mediante subscrição e por iniciativa do amigo Barreiros.

Tratando-se de um escritor praticamente esquecido, seus dados biográficos se encontraram, durante muito tempo, apenas no Prefácio da obra e em jornais da época. Há alguma informação na *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Coutinho e Sousa, bem como no *Dicionário literário brasileiro*, de Menezes. Quanto a edições recentes e estudos sobre o escritor, incluindo biografia, temos uma primorosa editoração da poesia: “*Hespérides: Francisco Antônio de Carvalho Júnior*”, de Magalhães e Miranda, publicada em segunda edição aumentada na *Revista Eletrônica de Estudos Literários – REEL*, 2007 (p. 1-32). Nossas citações foram retiradas desta publicação. Sobre a prosa, cito o ensaio de Mendes – “Carvalho Junior, crítico literário e político” – publicado na revista *Scriptorium*, 2018 (p. 134-147). Um dos poucos textos substanciais de análise da poesia de Carvalho Júnior é de Antonio Candido, do qual falaremos mais adiante.

Machado de Assis trata apenas de uma seção desse livro – “Versos”, intitulada “Hespérides”, em “A nova geração”, inserido em *Crítica literária*. (p. 195-196; p. 203-208). O título do ensaio é o mesmo de desenhos do periódico *A Comédia Popular*:

hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, redigido por Carvalho Júnior e outros. O desenho “A nova geração n. 2”, de Faria, traz a figura do poeta, com versos sobre o poeta. Veja-se no final deste texto, **Fig. 2**. Lembre-se que a crítica de Machado saiu na *Revista Brasileira* em 1º de dezembro de 1879, portanto, um ano e oito meses depois. Ao que tudo indica, o título do ensaio machadiano foi inspirado no título do desenho de Faria.

“Versos” é composto de 22 poemas: 12 sonetos em alexandrinos, 07 em decassílabos e 01 em heptassílabos; 01 poema de 05 quadras e 01 de uma quadra, ambos em decassílabos. Localizamos vários deles publicados anteriormente na imprensa da época, alguns com pequenas alterações e dois com outro título. Encontramos também um poema que não integra o mencionado volume. A seguir, apresentamos uma listagem dos poemas encontrados em periódicos antes da publicação do volume, por ordem cronológica:

1. Publicados também em *Escritos póstumos*:

A) Em *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro.

– Lusco-fusco, com o título “*Spleen*” (a. 1., n. 6, 22 de setembro de 1877, p. 3.). Para uma análise deste soneto, ver MIRANDA. O gerúndio e o lusco-fusco: som e sentido num poema de Carvalho Júnior. In: BASTOS et al. *Estudos de literatura brasileira*, p. 79-91;

– *Après le combat* (a. 1, n. 15, 5 de dezembro de 1877, p. 3.);

– Cena de bastidor (a. 1, n. 17, 24 de dezembro de 1877, p. 6);

– Nêmesis (a. 2, n. 18, 5 de janeiro de 1878, p. 6.);

– Símia (a. 2, n. 19, 14 de janeiro de 1878, p. 3);

– Adormecida (a. 2, n. 20, 19 de janeiro de 1878, p. 5);

– O perfume (a. 2, n. 21, 26 de janeiro de 1878, p. 3);

– Profissão de fé (a. 2, n. [ilegível], 23 de fevereiro de 1878. p. 3);

– Margarida Gauthier, com o título “A nevrose” (a. 2, n. 25, 2 de março de 1878, p. 3);

– Helena (a. 2, n. 26, 9 de março de 1878, p. 3).

B) Em *O Besouro*: folha ilustrada, humorística e satírica, Rio de Janeiro.

– A nova sensação (a. 1, n. 14, 6 de julho de 1878. p. 9).

C) Em *Almanaque Ilustrado do Mequetrefe para 1878*: primeiro ano:

– Plástica, p. 14.

2) Não publicado em *Escritos póstumos*:

n^o A *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1878, p. 2:

– *À toi, toujours à toi* – sob o pseudônimo de Stenio. Com esse pseudônimo também existe uma crítica da peça teatral *A estátua de carne*, de Theobaldo Ciconi, em que abre uma polêmica com L Dolzani, n^o A *Província: Órgão do Partido Liberal*, Recife, 30 de setembro de 1875, p. 2, bem como um estudo biográfico sobre o Conselheiro João Alfredo, no mesmo periódico, de 7 de outubro de 1874, p. 2. L. Dolzani pode ser o escritor naturalista Inglês de Sousa, que escrevia com esse pseudônimo. A descoberta do pseudônimo “Stenio” se deveu ao fato de a mesma crítica figurar naquele jornal e em *Escritos póstumos*. O estudo biográfico não figura neste último.

O título “Hespérides” remete a dois grupos de figuras mitológicas femininas, ligadas à natureza primaveril ou ao entardecer. O poeta foi considerado maldito até para os amigos: Fontoura Xavier, um deles, declamou no seu enterro um poema, falando que Carvalho Júnior seria recebido por Satanás, já que se recusava a ser recebido por Deus. A primeira estrofe desse poema está estampada em algumas biografias. Localizamo-lo na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, e vai aqui reproduzido na íntegra:

Um instante, coveiro!... O morto é meu amigo
E, como vês, cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podes levá-lo... a Satanás... contigo!
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me! Sim! Nós dávamo-nos muito!...
Há meses abracei-o e nunca mais o vi...
Alguém – quem quer que seja! – aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausência e o trouxe para aqui.

Vim despedir-me dele... (Escuta-me, primeiro
Tu deves conhecer os mortos que aqui somes,
Muitas vezes Hamlet, – a Dúvida, Coveiro
Visita este lugar interrogando nomes.

Estuda esta cabeça... o príncipe há de vê-la;
Repara bem... é loira, esplêndida, à Van Dick!
Pois bem, – gasta a mortalha, então roída a tela, –
Não tomes Baudelaire por um jogral – Jorick!)

Vim despedir-me, pois!... a morte já começa
A martelar caixões na porta dos ateus!...
– Sentido, batalhões! Caiu uma cabeça!...
Que importa uma vitória às legiões de Deus?!

(*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1879, p. 1).

2. Panorâmica temática de “Hespérides”

O livro se abre com um soneto, “Profissão de fé”, que dá a tônica das demais composições: o ódio à figura feminina do Romantismo – doentia, metaforizada em “beleza de missal”, comparação com as iluminuras da Idade Média – *versus* a apologia à mulher do Realismo – materializada na exuberância de formas e, portanto, segundo o poeta, fisicamente saudável. Através desse princípio, os poemas são construídos com personagens femininas que o tipificam, à época: cortesãs, atrizes, personalidades do imaginário oriental, adúlteras, amantes e amadas sensuais. Nuas ou seminuas, acordadas ou adormecidas, também provocantes porque retratadas em poses íntimas e em cenários de salas e alcovas glamourosas, despertam no poeta os mais violentos desejos carnavais. É o que importa.

Daí a crítica do tempo e mesmo a de agora designarem a poesia de Carvalho Júnior por “carnal”, fugindo ele completamente dos padrões brasileiros vigentes nos finais da década de 1870. A título de exemplo: o soneto “A nova sensação” evoca a famosa cena eciana de *O primo Basílio* (1878), em que este ensina a Luísa um jogo amoroso inusitado. No entanto, diz a personagem Luísa do soneto que o primo é muito antigo porque a nova sensação já era muito velha.

3. O Realismo segundo Machado: “A negação mesma do princípio da arte”

Para se entender a contundência da crítica machadiana à poesia de Carvalho Júnior, poesia vinculada aos estilos de época finiseculares, é necessário saber como Machado se posicionava diante deles. O subtítulo deste item é transcrição do que ele escreve no texto sobre Carvalho Júnior, a propósito do Realismo, ao mencionar o nosso poeta pela primeira vez. Recuemos cerca de um ano, no tempo. Quando da publicação de *O primo Basílio*, Machado estampa, na *Revista Brasileira*, uma longa e demolidora crítica ao romance, que repercutiu em textos discordantes, obrigando Machado a explicar-se. Aí expõe seu pensamento sobre o Realismo em literatura, para discordar dele como um todo.

Apesar de Machado escrever sobre um romance que classifica como realista, suas ideias podem ser estendidas à poesia. Pincemos algumas dessas ideias, para desenhar-lhes um quadro fiel, nos limites que este trabalho impõe:

“[...] reprodução fotográfica e servil das cousas mínimas e ignóbeis.” (1938, p. 162); “[...] a nova poética é isto e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha.” (1938, p. 163); “[Luísa] é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra cousa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência.” (1938, p. 165); “Ora, o tom [do livro] é o espetáculo de ardores, exigências e perversões físicas.” (1938, p. 171); “[...] preocupação constante do acessório [...] até o ponto de abalar o principal”. (1938, p. 172-3); “Ora, a substituição do principal pelo acessório, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrário às leis da arte.” (1938, p. 178); “[...] obscenidade sistemática do realismo” (1938, p. 183); “[...] no desenho e colorido de uma mulher, por exemplo, vai direto às indicações sensuais.” (1938, p. 184); “Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude”. (1938, p. 185).

O crítico encerra o *affair* Basílio depois de, em crônica de 7 de junho de 1878, mencionar o fracasso do transporte do romance para o teatro, não se sabe se culpando o autor do romance ou se o seu adaptador para o palco brasileiro – Ferreira Araújo. E, na crônica da semana seguinte – sobre a decisão de uma câmara municipal comprar um cofre-forte para guardar seu dinheiro – afirma que a câmara, “como um primo Basílio, tilinta as chaves da burra nas algibeiras” (1944, p. 91).

Talvez haja aí uma ironia ao “enriquecimento” de Eça, devido ao sucesso do romance escandaloso e seu antecessor imediato – *O crime do Padre Amaro*. Em suma, Assis ataca o Realismo em prosa por sua fotografiação minimalista tanto do bem quanto do mal, privilegiando-se a este; pela protagonista – marionete sem sentimentos; pelo apego ao acessório em detrimento do principal e, cremos que, sobretudo, pelo apreço à sensualidade, às perversões e à obscenidade. Nesse apreço residia o calcanhar de Aquiles da nova corrente. Assim foi caracterizado o pacote do Realismo enquanto “a negação mesma do princípio da arte”, pressupondo-se que tal princípio se encontre num polo oposto, porém não sistematizado pelo crítico. (Cf. 1938, p. 195-196). Já que não é nosso objetivo criticar aqui a crítica de Machado, vejamos como alguns elementos desse pacote são transpostos para sua crítica a “Hespérides”.

4. A crítica ao Realismo de Carvalho Júnior

Em linhas gerais, Machado caracteriza a publicação como “expressão de certa nota violenta [...] tão exclusivamente carnal”, “representante de uma poesia sensual”, confessada e sem dissimulações, chamada “realismo”. Do poema “Antropofagia”, diz nunca ter lido algo em Português com aquele tom, em que “os desejos do poeta são instintos canibais” (1938, p. 204); em quase todos os sonetos o poeta celebra uma lembrança de alcova. (1938, p. 205).

E continua Machado: trinta anos separam o Álvares de Azevedo da mulher “Pálida à luz da lâmpada sombria” – misto de nudez e sentimento – do Carvalho Júnior que aboliu o sentimento e deixou só a carne. Analisando o “Profissão de fé” – “exclusivamente carnal” – e comparando o poeta com Baudelaire, sua fonte inspiradora, acrescenta Machado que o brasileiro odeia as belezas de missal, ao passo que o francês só afirma que elas não satisfazem o seu coração. Entretanto, reconhece que Carvalho Júnior era poeta: “de uma poesia violenta, às vezes repulsiva, priapesca, sem interesse; [...]” (1938, p. 207). E cita o soneto “Nêmesis”, para afirmar que não se trata de um poeta amador. Como se observa, o crítico repete, *mutatis mutandis*, o eixo das objeções ao romance eciano, ressaltando que o poeta era um profissional.

5. O baudelairianismo de Carvalho Júnior

Baudelaire – o poeta rebelde, boêmio, apreciador de álcool e drogas, influenciou praticamente toda uma geração de poetas brasileiros, mitigados das bodas de prata do nosso Romantismo religioso e bem-comportado, saturado de amor puro e mulheres virginais. Tais poetas foram estudados por Antonio Candido, em “Os primeiros baudelairianos”, no livro *A educação pela noite: e outros ensaios* (1987). Aí diz que Carvalho Júnior “dá o tom” ao Realismo Poético brasileiro e que o soneto “Profissão de fé”, imitação do “*L'idéal*”, de Baudelaire, se constitui em verdadeiro manifesto antirromântico (1987, p. 27). A primeira edição de *Flores do mal* (1857) foi recolhida, por atentado aos bons costumes. Se vários contemporâneos exploraram o terreno com prudência, Carvalho Júnior mergulhou de cabeça naquilo que havia de mais sexualizado no autor, desagradando ao ainda romântico Machado de Assis, que o acusa de ultrapassar a sexualização do próprio poeta francês.

Não mais trabalhamos com categorias de estilo de época, mas este texto o obriga, porque centrado na crítica machadiana ao Realismo, a propósito de um poeta da geração admiradora do gênio francês. Assim, aqui não é lugar para confrontar Machado em sua própria obra com o Realismo, tanto no romance quanto na poesia. Mas convém assinalar que não foi coincidência o fato de 1878 ter sido o ano da publicação de *O primo Basílio*, de vários poemas de Carvalho Júnior na imprensa e de *Iaiá Garcia*. Àquela altura, Machado já havia publicado a maior parte de seus versos, e à distância de Baudelaire. A bem da verdade, o autor de *Americanas* foi pego de surpresa pelo Realismo, quando ainda estava publicando um romance romântico, até mesmo a ser satirizado pelo polêmico e avançado João do Rio, que declara ir escrever “Nhonhô Fazenda”. De princípio, Machado renegou a “nova ordem”, mas rapidamente mudou sua orientação literária, aderindo a ela, mas a seu modo: dois anos depois, vinha à luz *Memórias póstumas de Brás Cubas*, abrindo-lhe a fase dita realista. Só que o realismo machadiano será altamente sofisticado, construído dentro da linguagem e prescindindo da apresentação de situações e cenas ecianas e carvalhianas – assunto para outra ocasião.

6. “Hespérides”: a carnalidade e a qualidade estética

O soneto “Profissão de fé” abre a Seção. Se foi imitado de Baudelaire, conforme apontou Candido, pode ter sido imitado (conscientemente?) no título por Bilac, o rei dos realistas / parnasianos, também na abertura do *Poesias* (1888). Se neste se professa o culto da forma enquanto valor estético, naquele professa-se renegar o culto temático do feminino romântico e exaltar o realista, como vimos. Assim, se o valor da forma (na linguagem e na estruturação versificatória) era fundamental em Bilac, em Carvalho Júnior, cerca de uma década antes, emergia o valor do tema na configuração da mulher, retirando de cena a estafada criatura romântica: a santa e a virgem são descartadas e substituídas pela pecadora, pela liberada, já a partir do título da Seção dos versos. A propósito, convém lembrar o poema *Ambae florentes*, título latino que evoca missa/missal, sobre duas moças tão idealizadas que parecem suíças.

Lê-se na Wikipedia que, segundo a mitologia grega, as Hespérides eram ninfas da noite, viviam num jardim guardado por um dragão e cuidavam das maçãs de ouro. Quem comesse essa fruta, obteria a imortalidade. Não há indícios de que tais mulheres

míticas sejam necessariamente prostitutas, apesar de, na poesia de Carvalho Júnior, a imagística remeter muitas vezes a cortesãs instaladas na elevada escala econômica. Ao serem agenciados mitos sobre a maçã, no nome da obra, a carnalidade já flerta com a antirreligiosidade, tanto no título “Hespérides” quanto no soneto de abertura, “Profissão de fé” – expressão bíblica.

Segundo o cristianismo, professar a fé significa declarar publicamente que acredita ser Jesus o salvador do mundo, que morreu e ressuscitou para o salvar. Mas a profissão de fé de Carvalho Júnior – literária, claro – é pagã. Envolve rejeição às mulheres “puras” e preferência por mulheres impuras, retratando estas últimas em todo o seu esplendor e glamour. As que se opõem às santas “cloróticas”, “de missal”, são as sensuais damas noturnas, de formas exuberantes, metaforizadas em Hespérides, as quais guardam “as maçãs douradas”, que podem ser lidas como “prazeres carnavais”. A fruta consumida desse jardim traz a feliz imortalidade, ao contrário daquela do jardim do paraíso, onde a desgraça de Adão e Eva foi decorrente de a terem comido.

As imagens que remetem à religiosidade (ao jardim não hesperídico do paraíso) sobrepostas à carnalidade se presentificam em alguns poemas. Exemplificando: “Arcanjo funesto do pecado” (2007, p. 2); “corpo de cascavel” (2007, p. 3); “Babel impura” (2007, p. 6). Assim, também, certas ideias: o arrependimento religioso visto como nevrose, em vez de boa ação consciente (2007, p. 10), a visão bestial das divindades indianas (2007, p. 14) e a casta Sulamita, jovem companheira do velho rei Salomão, poetizada seminua e em estado de embriaguez num canto do festim. (2007, p. 15).

A qualidade estética de Carvalho Júnior reside em desobstruir a poesia de todos os clichês temáticos e retóricos do Romantismo e recheá-la das novidades chocantes do Realismo. O campo semântico dos quadros, cujo centro é sempre a mulher, remete a nudez, cores fortes, febre, sangue, suor, odores, histeria, desalinhos, bestas e animais repelentes (urubu, vampiro, cobra). Enfim: novos caminhos da sedução sexual, à base do vale-tudo. Não raro se articulam dentro de uma retórica que, apesar da originalidade, cremos que prima por certo exagero nas tintas, a um passo do precipício do mau gosto. Isso só poderia irritar a muitos, aí incluído o quarentão Machado de Assis – com o dobro da idade de Carvalho Júnior.

7. Conclusões

Nos anos 1878 e 1879, ao visitar dois ícones do Realismo literário, um português e outro brasileiro – *O primo Basílio* e “Hespérides” – e criticá-los acerbamente, a nosso ver o que incomoda a Machado não é propriamente o realismo na literatura, mas a sua sexualização, ultrapassando limites dos usos e costumes da época. Contudo, sem considerar o viés religioso, porque o crítico nem o tinha. Trata-se, portanto, de uma crítica ideológica à flor da pele, ou seja: a poesia não é feita para escandalizar nem para ser o sorriso da sociedade, mas, em outras palavras, para atenuar a forma, ouvir as surdinas do estilo e não se aborrecer dos tons médios – qualidades que Machado vê ausentes em Carvalho Júnior (1938, p. 205). Por outro lado, ele reconhece seu talento poético. E o próprio Realismo ficcional do crítico explodiria cerca de dois anos depois, como a mostrar que se pode escrever uma obra-prima realista ascética em matéria sexual explícita, porém lendo questões de sexo em entrelinhas, e energizada de alta voltagem artística.

Nos dias atuais, é esse talento que precisa ser estudado e valorizado. Não conheço a poesia completa de todos os membros da nova geração focalizada no ensaio, mas com certeza Carvalho Júnior deve sobressair-se entre eles, não como um poeta meramente carnal, mas como um poeta livre e sem preconceitos, para pôr em prática sua criatividade segundo o cânone da vanguarda em seu tempo.

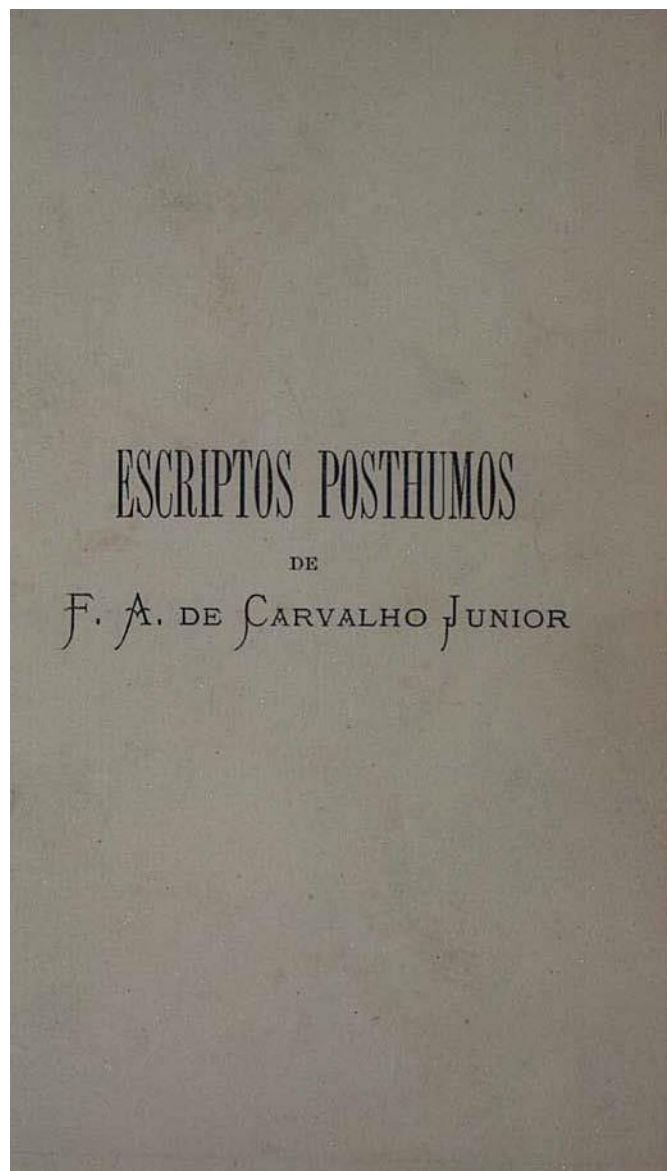


FIG. 1. Folha de anterrosto.



FIG. 2. Desenho do ilustrador Faria, retratando Carvalho Júnior, legendado por versos sobre o poeta. O N. 2 remete a desenho com o mesmo título, sem numeração, publicado em outro número do periódico.
FONTE: *Comédia Popular*, ano II, n. 26, última página [não numerada], 28 mar. 1878.

Referências

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1938. p. 195-196; 203-208.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*, v. 4: 1878-1888. Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, 1944. p. 71 e 91, respectivamente.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2 ed.: estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários por Letícia Malard. Belo Horizonte; Autêntica, 2012.

ASSIS, Machado de. *O primo Basílio*: por Eça de Queirós. In: ASSIS, Machado de. *Crítica Literária*. Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1938. p. 160-186.

BARREIROS, Arthur. Prefácio. In: CARVALHO JÚNIOR, A. F. de. *Escritos Póstumos*: Parisina: Teatro. – Versos. Folhetins. – Crítica literária. Escritos políticos. Rio de Janeiro: Tip de Agostinho Gonçalves Guimarães & C., 1879. p. VII-XVI. Disponível em:

<<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/YAN/Media/YAN10148.pdf?gathStatIcon=true>>. Acesso em: 14 de março de 2019.

BILAC, Olavo. Profissão de fé. In: BILAC, Olavo. *Poesias*: Panóplias, Via Láctea, Sarças de fogo, Alma inquieta, As viagens, O caçador de esmeraldas. Rio de Janeiro – São Paulo – Belo Horizonte – Paris – Lisboa: Francisco Alves / Aillaud, 1916. p. 1-6.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*: e outros ensaios. São Paulo: Ed. Ática, 1987. p. 23-38.

CARVALHO JÚNIOR. A nevrose. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 25, 2 de março de 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Bani%C3%B3r>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. A nova sensação. *O Besouro*: folha ilustrada, humorística e satírica, Rio de Janeiro, a. 1, n. 14, 6 de julho de 1878. p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/749915/per749915_1878_00014.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Adormecida. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 20, 19 de janeiro de 1878, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Bani%C3%B3r>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. *Après le combat. A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 1, n. 15, 5 de dezembro de 1877, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Caricatura: a nova geração n. 2. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, 28 de março de 1878, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Cena de bastidor. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 1, n. 17, 24 de dezembro de 1877, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Helena. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 26, 9 de março de 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Nêmesis. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 18, 5 de janeiro de 1878, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. O perfume. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 21, 26 de janeiro de 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Plástica. *Almanaque Ilustrado do Mequetrefe para 1878*: primeiro ano. Rio de Janeiro: Tip Cosmopolita, 1878, p. 14. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/823643/per823643_1878_00001.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Profissão de fé. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. [ilegível], 23 de fevereiro de 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. Símia. *A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 2, n. 19, 14 de janeiro de 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%Banior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR. *Spleen. A Comédia Popular*: hebdomadário ilustrado e satírico, Rio de Janeiro, a. 1, n. 6, 22 de setembro de 1877, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714216&pasta=ano%20187&pesq=Carvalho%20J%C3%BAnior>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR (STENIO). A estátua de carne. *A Província*: órgão do Partido Liberal, Recife, 30 de setembro de 1875, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=128066_01>. Acesso em: 20 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR (STENIO). *À toi, toujours à toi*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1878, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_01&pesq=stenio>. Acesso em: 20 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR (STENIO). Conselheiro João Alfredo. *A Província*: órgão do Partido Liberal, Recife, 7 de outubro de 1874, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=128066_01>. Acesso em: 20 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR, F. A. de. *Escritos Póstumos*: Parisina: Teatro. – Versos. Folhetins. – Crítica literária. Escritos políticos. Rio de Janeiro: Tip de Agostinho Gonçalves Guimarães & C., 1879. Disponível em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/YAN/Media/YAN10148.pdf?gathStatIcon=true>>. Acesso em: 14 de março de 2019.

CARVALHO JÚNIOR, F. A. de. *Parisina*. Pref. de Arthur Barreiros. Theatro, versos, folhetins, crítica literária, escriptos políticos. Rio de Janeiro: Typ. A. G. Guimarães & C., 1879. Disponível em: <<http://bit.ly/2mopw6R>>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 1. São Paulo: Global Editora – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL – Academia Brasileira de Letras, 2001.

MAGALHÃES, Bárbara, MIRANDA, José Américo. Hespérides: Francisco Antônio de Carvalho Júnior. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 1, a. 3, n. 3, p. 1-32, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3474/2742>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

MENDES, Thales Sant’Ana Ferreira. Carvalho Júnior, crítico literário e político. *Scriptorium*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 134-147, jul-dez 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/32547>>. Acesso em: 8 de março de 2019.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*, v. 2. São Paulo: Ed. Saraiva, 1969.

MIRANDA, José Américo. O gerúndio e o lusco-fusco: som e sentido num poema de Carvalho Júnior. In: BASTOS, A. et al. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p. 79-91.

XAVIER, Fontoura. Carvalho Júnior. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1879, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_01&PagFis=5634&Pesq=fontoura%20xavier>. Acesso em: 23 de março de 2019.

WIKIPEDIA. *Hespérides*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hesp%C3%A9rides>>. Acesso em: 14 de março de 2019.